



Cultura!



UM MUNDO INTEIRO PARA SOFIA

Em 2016, o best-seller de Jostein Gaarder comemora 25 anos de lançamento, ainda despertando o interesse pela Filosofia
Pág. C4

Literatura imagética

Livros trazem fantasia urbana com ambientação musical
Pág. C2

Na morte e na arte

A análise de *Meu Amigo Hindu*, último filme de Hector Babenco
Pág. C3

Letra ou música?

A proliferação do processo de ‘desmúsica’
Pág. C3

Literatura

Os livros *Rani e o Sino da Divisão*, de Jim Anotsu, e *Exorcismos, Amores e Uma Dose de Blues*, de Eric Novello, trazem a fantasia urbana com ambientação musical

DOIS LIVROS DE MÚSICAS E CORES

BRUNO ANSELM MATANGRANO

Muitas coisas podem chamar a atenção do leitor para um livro em um primeiro momento: uma boa capa, um bom enredo, um título provocante, ou até o nome do autor. Durante a leitura, a coisa muda e pode ser a atmosfera, as personagens, as descrições, os diálogos ou tudo isso junto o que mais vai cativar quem está lendo. No caso de *Rani e o Sino da Divisão*, de Jim Anotsu, e de *Exorcismos, Amores e Uma Dose de Blues*, de Eric Novello (ambos lançados em 2014, pela editora Gutenberg), dois livros tão diferentes à primeira vista, ainda que possam ser classificados em um mesmo modo narrativo (a fantasia urbana), além de tudo isso, o que mais me chamou a atenção foram as suas *cores e músicas*.

Podem parecer estranho falar isso, mas o caso é que estes dois livros são extremamente imagéticos (isto é, conseguem fazer o leitor *ver* muito bem tudo o que se passa no livro), quase como um quadro, uma HQ, ou melhor, um filme. E tal como em um bom filme, em ambos há uma excelente trilha sonora! Isso porque tanto o livro do Jim quanto o do Eric se desenvolvem em torno e a partir de músicas. O primeiro, que é voltado ao público juvenil, pendendo para o *punk, rock e emcore* (salvo engano, não sou nenhum especialista) enquanto o segundo deixa o *blues* acalantar suas personagens sedutoras e atormentadas... (obviamente, o público do Eric é mais adulto).

Vou tentar explicar um pouco melhor. Tal como seu autor, *Rani e o Sino da Divisão* se constrói em meio à excentricidade (Jim diz viver no fundo do mar e escrever seus livros em folhas de alface, por exemplo). A primeira impressão do livro (logo nos primeiros capítulos) lembra filmes e livros da moda adolescente como *Diário de um Vampiro*, *Crepúsculo*, ou *Dezesseis Luas*, nos quais em uma cidade, onde nada acontece, uma (ou um) adolescente entediada(o) leva uma vida morrente quando é arrebatada(o) pelo sobrenatural na figura de um ou uma menino(a) misterioso(a). Mas não se precipite em julgá-lo! Como disse, essa é apenas uma primeira impressão, logo virada do avesso. Na verdade, Jim está visivelmente brincando com o leitor (e com esse tipo de história), pois seu livro logo se diferencia (e se distancia) deste tipo de história não apenas pelo tom ao mesmo tempo leve-ácido-engraçado, mas também pela *cor*... Não que o livro seja ilustrado; se o fosse, porém, o seria em cores vibrantes, saturadas, fluorescentes, como o roxo e o laranja da linda capa. O fato é que mesmo não sendo ilustrado cores saltam aos olhos do leitor ao

longo da narrativa, como em um filme de Tim Burton de sua fase colorida (isto é, dos filmes *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, *Sombras da Noite* ou *Alice no País das Maravilhas*). E exatamente como em um filme de Tim Burton, o humor, a cultura pop e uma pitada de atmosfera gótica se entrecruzam em meio a inúmeras referências literárias e, sobretudo, musicais.

A história gira em torno de sua narradora, Rani, uma menina de bem com a vida que vive com sua família em uma cidade pacata de interior. Tudo muda, no entanto, quando conhece o vampiro-fluorescente Pietro e descobre ser uma xamã. Isso tudo não bastante, assim como Harry Potter, ela fica sabendo que o mais poderoso e maligno dos feiticeiros deseja matá-la. O fantástico da história se constrói justamente no entrecruze entre o mundo real pacato, sem graça e opaco da cidade de Rani de um lado (bem, estou exagerando, sua vida é bem legal, ela tem até uma banda de *punk death metal*, mas ainda assim... é diferente de viver num mundo de vampiros, demônios, lobisomens e... dinossauros!), e, do outro, as cores vibrantes do mundo sobrenatural, ao qual é conduzida, introduzido por um adolescente fluorescente, como na música do *Artic Monkeys*.

Estes dois livros são extremamente imagéticos (isto é, conseguem fazer o leitor ver muito bem tudo o que se passa no livro), quase como um quadro, uma HQ, um filme

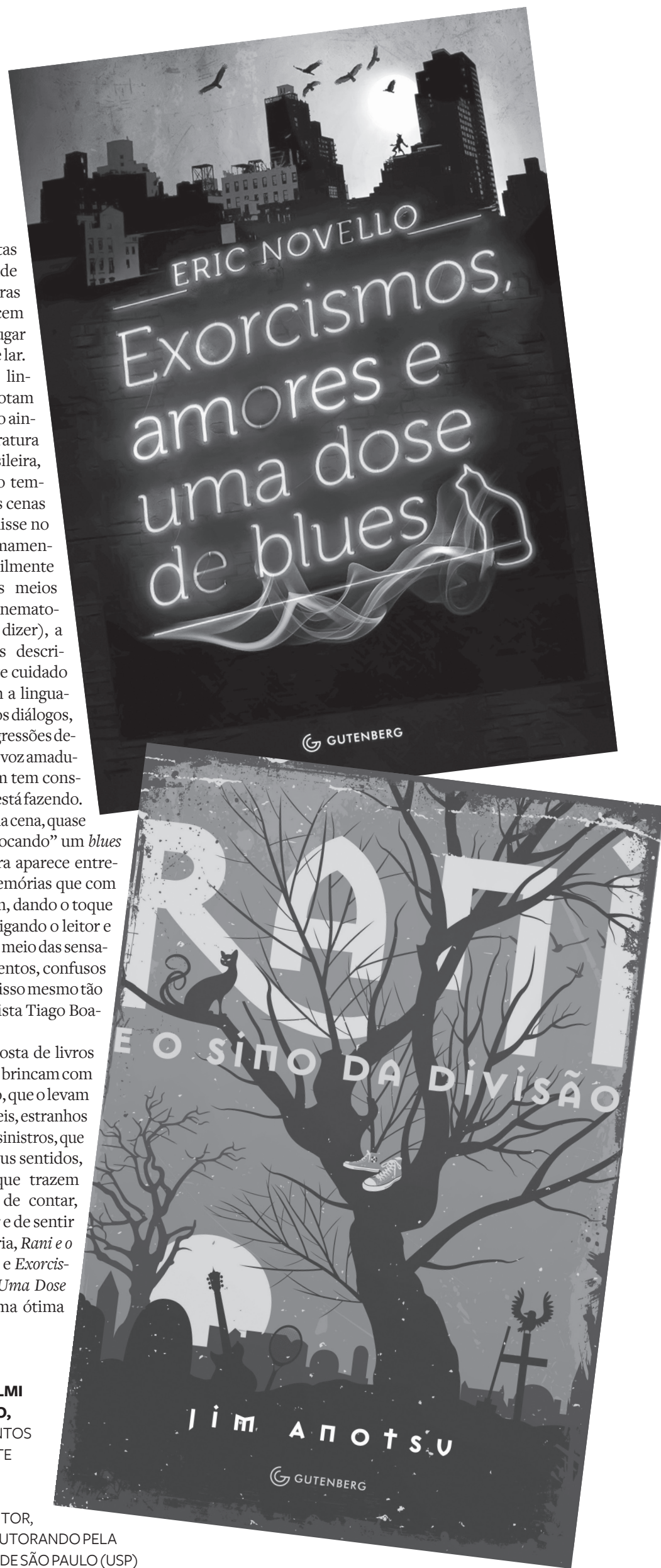
Já *Exorcismos, Amores e uma Dose de Blues*, de Eric Novello, lembra algo do que poderia ter sido uma adaptação das HQs de *Hellboy* não pela mão de Guillermo del Toro, mas também pela de Tim Burton, como disseram certa vez no Facebook do próprio autor. Nesta fantasia urbana de atmosfera *noir*, meio distópica, somos apresentados à Libertà, uma versão sobrenatural de São Paulo, na qual Tiago Boanerges, um decadente exorcista doente e desempregado, se envolve em uma trama digna dos melhores romances policiais, ao lado de necromantes, ilusionistas, salvaxes (seres feéricos semelhantes a lobisomens) e efrites (seres oníricos feitos de fumaça) para enfrentar uma musa (um ser de luz extremamente poderoso) enquanto busca se redimir de um passado do qual nada se orgulha... Diferentemente do livro de Jim Anotsu, que se passa em um mundo fluorescente e vibrante, Eric Novello nos conduz por esta Libertà de neon e fumaça, de azul sombrio e roxo pálido, ecoado na bela capa do livro. Em outros momentos, também somos levados ao Entremundos, uma terra para além dos espelhos, com leves traços de um *steampunk* pontual, muito bem reali-

zado, e muitas referências, onde as mais bizarras criaturas parecem encontrar um lugar para chamar de lar.

A trama e a linguagem denotam uma elaboração ainda rara na literatura fantástica brasileira, pois ao mesmo tempo em que suas cenas são, como eu disse no começo, extremamente visuais (facilmente adaptáveis aos meios televisivos e cinematográficos, ousado dizer), a elaboração das descrições, o evidente cuidado e trabalho com a linguagem e a força dos diálogos, descrições e digressões demonstram uma voz amadurecida, de quem tem consciência do que está fazendo. Ao fundo de cada cena, quase sempre está “tocando” um *blues* suave, cuja letra aparece entrecortada por memórias que com ela se misturam, dando o toque de mestre, instigando o leitor e o colocando no meio das sensações e pensamentos, confusos e difusos, e por isso mesmo tão reais, do exorcista Tiago Boanerges.

Para quem gosta de livros diferentes, que brincam com sua imaginação, que o levam a lugares incríveis, estranhos e até um pouco sinistros, que mexam com seus sentidos, e sobretudo que trazem novas formas de contar, de ver, de ouvir e de sentir uma boa história, *Rani e o Sino da Divisão* e *Exorcismos, Amores e Uma Dose de Blues* são uma ótima pedida.

*
BRUNO ANSELM MATANGRANO, AUTOR DE ‘CONTOS PARA UMA NOITE FRIA’ (LLYR), É PESQUISADOR, EDITOR, TRADUTOR, ESCRITORE DOUTORANDO PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)



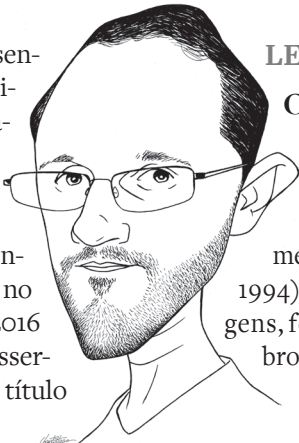
Suplemento

CELEBRAÇÃO
Aniversários
em destaque

Este mês de julho é especial para este suplemento e a própria Confraria. Afinal, os confrades **Gil Piva** (5/7) e **Zé Renato** (31/7) comemoraram ida-



de nova. Ambos foram apresentados com caricaturas feitas pelo Baptistão, ilustrador do Estadão e primeiro entrevistado deste caderno. Destaque também ao confrade **Gil Piva**, que no último dia 28/07/2016 defendeu sua dissertação e galgou o título de Mestre.

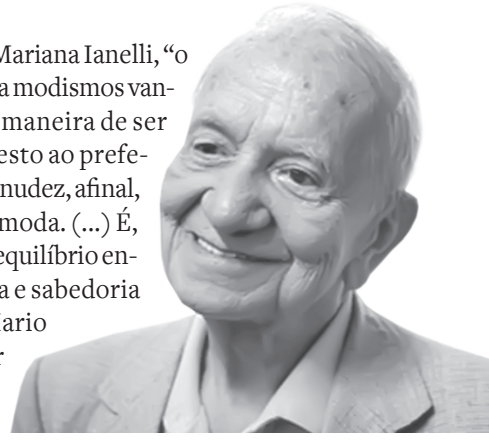


LEMBRA DELE?

Os 110 anos de
Mario Quintana

Dia 30 de julho, sábado passado, comemoraram-se os 110 anos de nascimento do poeta Mario Quintana (1906-1994). Ele, que não gostava de homenagens, foi o autor da frase “um engano em bronze é um engano eterno”, que ficou gravada na placa que o homenageia em sua cidade natal, Alegrete (RS).

Como disse a poeta Mariana Ianelli, “o poeta não se prendia a modismos vanguardistas com sua maneira de ser graciosamente honesto ao preferir estar nu, porque a nudez, afinal, é o que nunca sai de moda. (...) É, enfim, esse discreto equilíbrio entre erudição literária e sabedoria de vida que faz de Mario Quintana um autor a ser relido sempre com nova alegria.”



Palavra



“Esquecimento é quando a gente não sabe onde deixou a chave do carro. Alzheimer é quando a gente encontra a chave, mas não sabe para que serve.”

MOACYR SCLiar

NASCIDO EM PORTO ALEGRE (RS) EM 1937, O AUTOR DE “MAX E OS FELINOS”, “MEMÓRIAS DE UM APRENDIZ DE ESCRITOR” E “O CENTAURO NO JARDIM”, DENTRE OUTROS, MORREU NA MESMA CIDADE, EM 2011.



Cultura! é uma publicação do jornal *O Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Cinema

Deixando uma lacuna na cultura cinematográfica, o cineasta Hector Babenco, como quem se dispõe a viver pela arte, reconhecia a importância da história e sua contemporaneidade

BABENCO ENTRE A MORTE E A ARTE

GIL PIVA

Derrotado pelo linfoma que ressurgira, o cineasta Hector Babenco deixou uma lacuna na cultura cinematográfica que também sempre se arrastrou entre procedimentos debilitados devido à falta de recursos (ou à própria escassez de criatividade) e aparições surpreendentes, porém raríssimas. Talvez, antecedendo a luta de Babenco contra o câncer, seu último trabalho, *Meu Amigo Hindu*, acerta, de algum modo, na sobrevivência de quem se dispõe a viver (ou morrer) pela arte. Babenco faleceu no dia 13 do mês passado encerrando uma fase de sua vida como poucos; ou seja, aos 70 anos, acertou as contas sem deixar uma obra inacabada – fato que não era de seu feitio. Mais conhecido pelos filmes *Pixote*, *A Lei do Mais Fraco*, *O Beijo da Mulher Aranha*, que rendeu indicações e premiou William Hurt em Cannes e com o Oscar, e, em 2003, obteve um sucesso de crítica e bilheteria com a adaptação de *Carandiru*. Dos seus filmes mais sutis aos mais “escancarados” criticamente, nunca lhe faltou o reconhecimento merecido, muito embora, em contrapartida, uma amostra da dificuldade de se filmar no Brasil esteja nos intervalos de anos entre um e outro projeto. Pena que um de seus mais belos

trabalhos tenha sido pouco agraciado e até esquecido por críticos e cinéfilos: *Brincando nos Campos do Senhor*, com Tom Berenger. Na humilde opinião deste colunista, a obra assinala um tratamento límpido e de estética alternativa para tratar questões sociais, provando assim a versatilidade de Babenco.

Reprises do tempo. Em cada filme, Babenco perambulava pelo autorretrato de uma época. Assim foi em *Lúcio Flávio, Passageiro da Agonia*, cuja estética experimentava adornos quase naturalistas e dialogava com a indecifrável identidade social da década de 1970. Mesmo com as devidas liberdades de distorções que a ficção oferece sobre a realidade, o filme permanece, para quem quiser conferir, um testemunho intrigante sobre o ato de se fazer justiça com as próprias mãos. O crime à margem do crime. Somado a isso, a leveza na direção e nos passos conscientes da crítica social, velada ou não, iluminaram uma carreira de trabalhos intensos até o final da vida de Babenco. Nessa galeria, Babenco reconhecia a importância da história e sua contemporaneidade, senão seus indissociáveis pontos cegos, que só a marcha de uma artista, num certo sentido, é capaz de percorrer e vislumbrar. Pegando de empréstimo o que Jean Cocteau disse sobre Proust, assistir a *Meu Amigo Hindu* talvez represente uma forma de a obra de Babenco “continuar a viver como os relógios no pulso dos soldados mortos”.



Trajetória sem medo

CRÍTICA

★★★★REGULAR

O resultado do último trabalho de Hector Babenco, o filme *Meu Amigo Hindu*, beira a uma corajosa afirmação do que foi sua vida num momento difícil. Diego (Willem Dafoe) é um cineasta que se descobre com um câncer terminal e precisa de um transplante de medula para sobreviver. Daí em diante, problemas pessoais, familiares e profissionais se misturam e contemplam a angústia do personagem.

Antes, vale lembrar que cinebiografias no cinema nacional possuem qualidades duvidosas, portanto, neste quesito, Babenco se sai até bem, não se restringe a episódios seriados e irrelevantes para o enredo. Ele associa com tato instantes e passagens que deseja narrar

‘Meu Amigo Hindu’.
Diego (Willem Dafoe) e Livia (Maria Fernanda Cândido)

Despedida.
O diretor Hector Babenco

Música

TEXTÚSICA

SANDRO MUNIZ

Vez ou outra algum músico, empolgado com sua criação artística, me traz umas folhas de papel dizendo: “Maestro! Olha essa música que compus!”. É difícil disfarçar a decepção ao olhar para a “música” composta e ver que a “obra musical” não passa de um poema solto numa página de caderno. Um poema? Como? Quando foi que um poema isolado virou música? Como parabenizá-lo se toda a música ainda é um mistério em sua cabeça? O que o leva a acreditar que eu enxergaria sua música através apenas do texto no papel? Incontáveis compositores ao longo da história se valeram do poema para suas criações musicais e realizaram obras belíssimas, seja sobre textos de própria autoria, extraídos da Bíblia ou criados por algum libretista. O trabalho de musicar um texto é uma das mais antigas formas criação musical, chamada popularmente de canção. A canção assumiu vários formatos e papéis na sociedade durante os tempos, desde canções sacras, folclóricas, até canções de cunho ideológico. Independentemente de seu propósito, seja a *chanson* francesa, o *lied* alemão, a *canzone* italiana, a característica comum entre elas é a melodia acompanhada na qual um texto é cantado. Porém, o texto em si e apenas ele não constitui uma música. O indivíduo que cria um texto poético e procura fazer uma canção com aquele material o faz porque possui afeto pela letra e o quer expressar. É evidente a importância da palavra, mas a balança não anda equilibrada. Sempre que se busca por canções de Bach, Mozart, Schubert, Mahler ou compositores brasileiros como Villa-Lobos, Osvaldo Lacerda, Ernani Aguiar, Camargo Guarnieri entre tantos outros, encontram-se partituras completas. Isso porque na obra desses compositores música e texto são indissociáveis, letra e música se completam. Individualmente possuem uma beleza, mas foram concebidas para atuarem juntas. Uma arte só. É assim que deve ser. Já que tão rotineiramente pessoas me apresentam apenas o texto como “música”, já que tantos artistas veiculam apenas a letra como conteúdo musical, concluo que algo se perdeu

pelo caminho. A escrita musical se perdeu? Foi só isso? A forma recorrente com que essa situação ocorre é preocupante não apenas pela notável falta de instrução musical por parte do “compositor”, mas pela clara desigualdade na formação do indivíduo artista, que, sabido da língua portuguesa, se presta a fazer música, justamente o que menos sabe, ou sabe, mas, seguindo uma “tendência moderna”, trata a música de maneira diminuta, secundária, como um mero elemento harmonizante, um “bater” de acordes no violão, o mínimo necessário para entoá-lo da sua “verdadeira obra artística”, o “belíssimo texto a ser musicado”, estabelecendo-se assim, uma lamentável relação que beira o parasitismo, à medida que se utiliza da música para sobressair o texto, mantendo-a subnutrida, reduzindo-a à condição de mero acompanhamento. Em contraponto a essa hegemonia do texto sobre a música, certo pensador anônimo da renascença descreveu muito belamente de forma irônica essa relação: “Música e poesia se relacionam de maneira magnífica! A música confere sentimento e profundidade à significação do texto poético, já o texto, por sua vez, oferece uma contribuição redundante.” Evidente que se trata de um posicionamento partidário a favor da música, menosprezando a contribuição do texto no resultado artístico final. Segundo esse pensador, o texto poético numa canção apenas verbaliza o sentimento já transmitido pela música, o poema diz o que a música já vinha transmitindo, diz o que já foi dito. Questionável, mas pertinente. A música é um poderosíssimo transmissor de afetos. Sendo extremamente abstrata em sua concepção, a mesma consegue ser singularmente objetiva, transmitindo ira, paz, humor, respeito, amor, ódio, solenidade, ímpeto, bravura e tantos outros estados de espírito. Logo, sabendo construir musicalmente o ambiente afetivo desejado, o texto poético não terá uma participação redundante como o pensador renascentista afirma, mas terá o ambiente mais propício de todos! Uma vez que a música amolecer os corações, o poema tratando de amor encontrará o mais fértil dos terrenos. Mas, se a temática de amor for contraposta por um ambiente musical forte, rígido, pesado, o mesmo texto poético soará possessivo e perturbador. Sendo assim,

entende-se que o texto diz, mas é a música que oferece o contexto afetivo, podendo aprofundar o significado ou gerar significações secundárias, como ambiguidade, malícia e mentira. A verdade é que a música oferece com louvor tudo aquilo que sempre faltou ao texto. A prova disso é que ninguém se satisfaz com o poema no papel, ele precisa ser declamado! A declamação também não satisfaz e a evolução desse processo de refinamento culmina numa inevitável obra musical. Olhando historicamente, o pensador renascentista não gerou essa frase sem base, o ambiente musical naquele contexto era outro. Numa sociedade sacudida pelas grandes navegações que, superando o medo, lançavam homens ao desconhecido em busca do novo, as artes então pegaram carona nesse barco. A música renascentista era especulativa e inventiva como poucas vezes foi permitida ser. Evoluiu radicalmente e a complexidade das obras vocais e corais avançaram muito além de seu tempo. A mesma tornou-se objeto de estudo científico. Nesse momento, em oposição aos tempos modernos, a música era a finalidade, o objeto do trabalho, o poema era menos relevante, apenas pretexto, objeto de articulação para o canto, havia menor interesse na mensagem textual. O pensador citado não filosofou, apenas documentou o que se observava na música de seu tempo. Posteriormente a isso, as cantatas, oratórios e principalmente os *lieder*, óperas, musicais e coros cênicos fundiram exemplarmente música e poesia, extraindo o máximo das duas partes. Mas as perguntas ainda não foram respondidas. Em que momento a parte musical perdeu seu refinamento? Por que a canção deixou de se importar com a música? Quando o texto assumiu a primazia do interesse artístico e tornou-se critério para avaliação na qualidade musical? É só o texto? Ou a dança também tem crescido por meio da subtração da complexidade do material musical? Seria proposital? Como estão nossas escolas de música? Ensinam música ou conformam-se à moda do momento? Quem tem sido colocado como referencial de músico no Brasil? É impressão ou aspirantes a músicos que se apresentam em programas musicais de auditório são significativamente superiores às autoridades musicais que os julgam? O melhor resultado no tratamento entre música e texto exige evidentemente uma boa instrução nas duas áreas ou, ao menos, a ciência por parte do artista de suas insuficiências particulares e sua constante busca pelo aprimoramento artístico

em ambas as vertentes. Existem muitas maneiras de musicar um texto para que ele venha a exprimir o afeto desejado. Não existe uma fórmula básica; mas para tal feito o indivíduo precisa ser músico. Não precisa conhecer séculos de história da construção de uma canção para reproduzir uma melodia acompanhada; mas alguns conhecimentos são necessários para que o indivíduo se autointitule compositor pelo simples fato de que existe um abismo de diferença entre um compositor e o reproduzidor de algo que já é prática corriqueira na sociedade. Isso é uma discussão séria, a música tem se tornado boba. O bobo se tornou rotineiro e tem se reproduzido como coelho. Para um iniciante, bastam poucas aulas de violão para que seja capaz de tocar a maior parte do repertório atual. Se poucas aulas bastam para tocar, bastam também para compor, proliferando então o processo de desmúsica. Bem, a música de fato já se esvaziou e hoje facilmente passa de mera “batida” de violão, lutemos para que o texto também não se esvazie e nossas canções não se reduzam a “na na na”, “ou ou ou” ou narrativas de fracassos amorosos.

*
SANDRO MUNIZ É MAESTRO DO MUNICÍPIO DE FERNANDÓPOLIS



Filosofia

O livro *O Mundo de Sofia*, do norueguês Jostein Gaarder, completa 25 anos e ainda desperta, principalmente no público leigo, o interesse pelo estudo da Filosofia



ZÉ RENATO

O número de leitores mundiais é pequeno, segundo estatísticas oficiais. Em 2005 a Índia detinha a liderança. Mais de dez horas mensais dedicadas ao hábito. O Brasil era apenas o 27º no aferido. A televisão, e mais recentemente a internet e os sofisticados telefones móveis, parecem tornar o papel e seu museio algo cada vez mais anacrônico.

Todavia, o hábito resiste. Felizmente. O Brasil não é um país de muita tradição filosófica. Nossa primeira universidade foi a USP, fundada em 1935, enquanto a Europa possui instituições com mais de mil e duzentos anos de existência. Portanto, nesse sentido, não temos uma “tradição filosófica”. Em tempo: dados oficiais mostram que a Filosofia Ocidental, em meio a longo processo, tem sua aurora por volta dos séculos VII ou VI antes de Cristo na Grécia Antiga. Escrever não era um ato nobre na medida em que, por ser uma atividade manual, era considerada trabalho, portanto, algo indigno, próprio das classes subalternas. Pensava-se, discutia-se, no entanto, não se escrevia. A memória e alguns “escribas” nos legaram a sabedoria produzida na Antiguidade.

No final desse período, com a derrocada do mundo Grego antigo e a formação do Império Romano, construiu-se a Era Medieval e a consequente oficialização do cristianismo como religião dos novos mandatários, isso produziu mudanças, tanto na produção, quanto na difusão dos livros e da leitura.

O saber da antiguidade foi revigorado, graças ao trabalho paciente e fundamental do clero regular; monges e abades, os quais, a mão, reproduziram e confeccionaram belas iluminuras.

A criação dos tipos móveis de imprensa, realizada por Gutenberg, permitiu a produção mais ágil e maior de livros. A Renascença foi fundamental para sua circulação, em que pese a ação do Santo Ofício e seu Index. Porém a Modernidade nos legou suas revoluções burguesas e o debate em torno do ensino laico e público. Lentamente, começa a se processar a difusão do conhecimento e a circulação maior de livros.

O JUBILEU DE PRATA DE UM ÁUREO SABER

É importante mencionar que a leitura era o grande passatempo, o lazer das populações minimamente letradas. Vale lembrar, no século XIX, os folhetins ocupavam o lugar das telenovelas. Todavia, a leitura erudita ainda se mantinha restrita a poucos.

Universidade e televisão tardias no Brasil faziam com que o rádio ocupasse o papel do entretenimento. No entanto, lia-se mais.

O acesso à compra desses aparelhos e a expansão das redes telecomunicação, abrangendo todo o território brasileiro, distanciaram ainda mais o povo dos livros. Vale lembrar que, ao mesmo tempo, o número de matrículas na educação básica e ensino superior aumentaram.

As publicações em Filosofia sempre foram circunscritas aos meios acadêmicos. Poucas traduções, mercado restrito, poucos títulos disponíveis. O êxito na luta da volta da Filosofia para as grades oficiais do ensino público representou um grande alento.

Num primeiro momento, havia a necessidade de se produzir algum material de apoio aos professores e, principalmente, aos estudantes. Ao final dos anos 1980, chega ao Brasil o trabalho do professor Matthew Lipmann, *Filosofia Para Crianças*. Discutível, porém, mais um elemento para compor esse novo mosaico. Entra em cena um novo detalhe: final dos anos 1980, início dos anos 1990, há um salto de qualidade enorme no mercado editorial brasileiro. Os livros estão em alta.

Nesse cenário, há vinte e cinco anos, foi publicado no Brasil *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder. O livro cria uma atmosfera de mistério, cartas sinistras, com as quais a menina Sofia começa sua iniciação no saber.

Possivelmente, o grande mérito de *O Mundo de Sofia* seja o de provocar no leitor o gosto doce da prazerosa e penosa leitura de obras filosóficas

Em meio ao desvelar das cartas, o autor começa a apresentar os filósofos, apontados por ele como os essenciais na História da Filosofia. Todavia, por uma escolha subjetiva, Gaarder, encerra a obra no século XIX. Com um agravante: não menciona Nietzsche! (Absurdo).

A publicação da obra no Brasil provocou grande furor. Muita procura pelo livro.

Houve aumento na procura pela graduação de Filosofia também por essa época. Evidente, não há aqui a pretensão de estabelecer correlação entre um fato e outro. Apenas salientar que a vinda do livro se dá com o alvorecer de novo instante no Brasil: a descoberta da leitura de obras filosóficas ou textos com algum teor.

Possivelmente, o grande mérito de *O Mundo de Sofia* seja o de provocar no leitor o gosto doce da prazerosa e penosa leitura de obras filosóficas. Um primeiro — mas pequeno — salto para posteriores grandes voos.

Para um graduado ou iniciado em Filosofia a obra não produz grandes efeitos. Entretanto, para aqueles que não tiveram nenhum contato anterior é extremamente válida. Além disso, foi responsável por certo *boom* no mercado editorial voltado para a publicação de obras de Filosofia. Criou uma “moda” de leitura. Se estas foram com qualidade ou em quantidade, não há medida empírica para aferi-las. O importante é que se iniciaram e formaram ao menos alguns leitores.

Contudo, foi válida, no mínimo, para garantir ao autor, além de notoriedade, recursos financeiros para que pudesse — no Mercado das Pulgas de Buenos Aires

– adquirir os originais do *Codex Floriae*, as cartas de Flória Emília endereçadas ao amante, futuro bispo de Hipona, conhecido como Santo Agostinho. O livro é arrebatadoramente belo!

Por ter permitido que este texto viesse à luz, o mérito da publicação de *O Mundo de Sofia* já está mais do que cancelado.

O pai da Sofia.
O escritor norueguês Jostein Gaarder



Best-seller.
As capas das edições brasileiras